



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Universidade Estadual de Goiás
Campus Cora Coralina

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O PAPEL DE ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DA NATUREZA NA POÉTICA DE OLGA SAVARY

THE ROLE OF SOME MANIFESTATIONS OF NATURE IN THE POETHY OF OLGA SAVARY

Marcela Rodrigues Trindade¹

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo analisar a presença da natureza inserida, na manifestação do corpo, através da vigência do erotismo nos poemas de Olga Savary. Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, na qual abordar-se-á a construção de uma nova dimensão poética, que emerge do entrelaçamento entre o humano e os elementos naturais que deixam explícito a manifestação das nuances do erotismo nos poemas, como forma peculiar da exploração do corpo e parte constitutiva da experiência amorosa lírica. Por isso, será apresentada algumas características da escritora Olga Savary nas obras poéticas que reflete sobre a presença do erotismo e o corpo humano inserido na natureza, com o fito de restaurar as configurações da existência lírica. Nessa perspectiva, o resultado do estudo é a compreensão do erotismo como parte da poética corporal em diálogo com a natureza e a existência humana.

Palavras-chave: Natureza. Corpo. Erotismo.

Abstract:

This work aims to analyze the presence of nature inserted in the manifestation of the body, through the existence of eroticism in Olga Savary's poems. This is a literature review research, in which the construction of a new poetic dimension will be approached, which emerges from the intertwining between the human and the natural elements that make explicit the manifestation of the nuances of eroticism in poems, as peculiar form of the exploration of the body and a constituent part of the lyrical love experience. Therefore, some characteristics of the writer Olga Savary will be presented in the poetic works that reflect on the presence of eroticism and the human body inserted in nature, with the aim of restoring the configurations of lyrical existence. In this perspective, the result of the study is the understanding of eroticism as part of corporal poetics in dialogue with nature and human existence.

Key words: Nature. Body. Eroticism.

Introdução

O espaço literário é caracterizado por diversas vertentes de ideais e descobertas que formam o esboço da contextualização da pluralidade cultural, exótica e peculiar. Nesse interim, a identidade do autor é transcorrida por uma linguagem em que o foco é o contato interiorizado com o interlocutor, por isso a responsabilidade da obra ser mais do que uma referência teórica, mas uma essência de significados interpretativos. Logo, observar-se-á a presença da natureza

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás, *Campus* Cora Coralina. (Goiás, Goiás, Brasil). E-mail: marcelarodrigues562@gmail.com



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio
Corá Coráima

Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

como o espaço do corpo erótico nos poemas de Olga Savary, em que a unidade entre o natural e o humano são visíveis na poética corporal, que forma a instância dos amantes da lírica.

Sob primeira análise, é imperioso reconhecer que Olga Savary – escritora paraense - é responsável por apresentar uma revolução literária avassaladora, no que diz respeito aos padrões da linguagem feminina, uma vez que se integraliza com a temática erótica brasileira entre a sensualidade e o erotismo. Nesse viés, conhecer a poética savaryana é sintetizar uma escrita atemporal, em que a mediação do discurso, se baseia entre o dizível e o indizível, as nuances e os limites em que apresenta paixão pelas palavras que transformam em arte e vida.

Nessa perspectiva, a manifestação da natureza, como parte da poética corporal, é elemento fundamental para patentear o erotismo. Por isso, Olga revela o erotismo incipiente, posto em comunhão com a natureza. Nessa linha de raciocínio, Toledo (2009) pondera que é “a própria Natureza que constitui o nascimento do poeta” (TOLEDO, 2009, p.46), ou seja, o sujeito se encontra no mergulho fraterno com o que é real e natural. Logo, com palpáveis representações elementares da natureza, o entrelace é norteado pela subjetividade e a convivência íntima com o mundo.

Diante disso, toda a abordagem se transpõe através da exterioridade para a interioridade, como reflexo de um mistério secreto: o erótico. Para tanto, a natureza é o cerne da transitoriedade, o corpo se modifica na dimensão em que os prazeres são redefinidos. Como pondera Georges Bataille (1987): “o erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem” (BATAILLE, 1987, p. 20), visto que não há conhecimento sem experiência concreta para ser compreendido. Por isso a poesia complementa aquilo que é sintetizado pela interioridade do poeta juntamente com a naturalidade.

A água que permeia o equilíbrio entre o corpo e a natureza

*Tempo de terra e de água
é este tempo do corpo.
Olga Savary.*

A poética corporal aponta para um ponto de equilíbrio, como forma de repensar, entre os limites do humano e da natureza, uma vez que aquilo que se encontra distante é permeado pela concretude da própria essência. Como pondera Arrigucci Jr (1943): “a ação de seus significados, pode ser, decerto, encarado como uma decorrência da própria natureza das relações entre o abstrato e o concreto na poesia, tantas vezes vista sob a forma do universal concreto” (ARRIGUCCI, 1943, p.15). Com efeito, a emoção poética eclode com aquilo que caracteriza sua temática e as consequências que serão interpeladas.

Na poesia brasileira contemporânea, a natureza é um eixo temático primordial para revelar o estilo de simplicidade, simbologia e magnitude identificável ao deslumbramento lírico. Nos poemas de Olga, a fenomenologia das coisas, através da simbologia da água, é vista como signo forte entre a sensualidade, a sedução e o erótico, ora reflete na perspectiva da água da Terra, ora como visão da água do corpo, que são partes de uma construção natural. O filtro poético nada mais é do que o próprio desejo da vida, como um mergulho de ser livre junto a interação do “eu-criador” e do “eu-cosmos”.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE INTERCULTURALIDADE
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clarete Cora Coratim
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O poema intitulado “Acomodação do desejo I”, da obra *Magma* permite visualizar a simbologia voltada à poética do corpo ligada ao erotismo.

Quando abro o corpo à loucura, à correnteza,
reconheço o mar em teu alto búzio
vindo a galope enquanto cavalgas lento
meu corredor de águas.

A boca perdendo a vida sem tua seiva,
Os dedos perdendo tempo enquanto
Para o amado a amada se abre em flor e fruto
(não vês que esta mulher te faz mais belo?).

A vida no corpo alegre de existir,
Fiquei à espreita dos grandes cataclismos:
Daí beber na festa do teu corpo
Que me galga esse castelo de águas.
(SAVARY, 1998, p.190)

Em linhas poéticas, é perceptível construir com o poema uma análise imagética, entrelaçada pelo poder natural, relacionado à essência do desejo, formada pela metáfora da própria existência pessoal de dois corpos. Conforme, Bataille (1987) discorre: “os corpos se abrem para a continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentido da obscenidade” (BATAILLE, 1987, p. 14), tal construção é a formação da posse entre si duravelmente e afirmada pelo desejo.

Na primeira estrofe, o advérbio de tempo “quando”, mostra que o fato em si é uma ocasião “especial”, que precisa do corpo e da própria naturalidade de forma específica a “água” – simbolizada por uma correnteza, algo que será passageiro, mas que é forte e apresenta uma energia que o levará à loucura.

Diante desse contato com o próprio corpo acontece o reconhecimento do mar, que é representado por uma figura masculina, comparado também a um animal “vindo a galope, enquanto cavalgas lento”, a liberdade formada pelo cavalo a galopar é associada ao fluxo da água que vai e vem, na correnteza e no mar. Ademais, a intimidade é apresentada pelo pronome de possessividade “meu” corredor de águas, pois a liberdade e o encontro de si mesmo, com o natural são associados ao prazer, e o erotismo se manifesta.

Na segunda estrofe, o eu-lírico exemplifica a falta que esse encontro faz, a sede que corpos sentem e o tempo que perderam distantes um do outro. Contudo, o encontrar entre si geram sementes que precisam ser reconhecidas como parte da própria existência para serem valorizadas.

Por conseguinte, na terceira estrofe, ocorre a confirmação do erotismo como parte de entender que a vida só faz sentido quando o corpo encontra a própria alegria, independentemente de qualquer coisa externa, o que prevalece são as nuances oferecidas pela busca dos amantes, pelos elementos naturais como parte da substância como a ambiência de uma morada que eleva o prazer e a vida.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
ORGANIZAÇÃO DE INTERCULTURALIDADE
LINGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coratini
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Paralelo a isso, na obra “*Simidouro*”(1977), Olga representa quatro elementos da paixão que aproxima o leitor à Natureza, ao fogo (sutil erotismo), ao ar (liberdade), à água (erotismo impetuoso), e à terra (satisfação plena), é como se encontrasse nos elementos naturais a própria sensibilidade do “eu”. Nessa busca incessável pela sensatez natural, apresenta a dicotomia entre a vida e a morte, que mesmo deslumbrada pelo viver, não idealiza o fim da vida como algo distante ou sombrio, pelo contrário “muitas vezes me perguntaram o que acho da morte. Sempre disse: um Grande Orgasmo” (SAVARY. p.46). Logo, a aceitação das coisas que são oferecidas pela vida é que fazem sentido para compreender o viver.

No poema “Ar”, a imagem do corpo é constituída pela beleza da naturalidade e a leveza do sentido erótico.

É da liberdade destes ventos
que me faço.

Pássaro-meu corpo
(máquina de viver)
bebo o mel feroz do ar
nunca o sossego.
(SAVARY, 1998, p.128)

Ao observar a estrutura do poema, é imperioso reconhecer a forma como são produzidos os dois primeiros versos e os sentidos que compõem para a continuidade do sentido lírico. A liberdade é desprendida pela própria formatação poética e a comparação atribuída ao elemento natural “vento” é um fluxo em eterno movimento que ora é intenso, ora apresentado de forma leve. Dessa forma, é nessa dicotomia que o eu-lírico se faz, livre dos padrões permeados pelo modo social e ao mesmo termo intraduzível pelas emoções.

Na segunda estrofe, é reconhecido um dos elementos da paixão – o ar – que é representado pela liberdade, uma vez que é oferecida ao corpo que ganha asas, por ser comparável a um pássaro. Entretanto, o mesmo corpo é assimilado a uma “máquina de viver”, no sentido de apresentar características humanas, que é fortalecida quando tem a oportunidade de encontrar aquilo que o seu corpo pede.

Enquanto, a tal liberdade é uma busca permeável, a volúpia pelo prazer acontece na manifestação do “mel feroz do ar”, o líquido doce, mas que de certa forma é selvagem, é perverso, que tira o sossego e realiza a existência na totalidade humana.

O foco da abordagem poética, além de ser identificado pela natureza é intensificado pelos mistérios dos desejos da sensualidade. De maneira análoga, Octavio Paz ressalta que “o erotismo não é uma simples imitação da sexualidade: é sua metáfora” (PAZ, 1987, p. 65). Sem a manifestação comparativa não acontece de fato o que é perceptível entre Eros e a natureza.

Na obra “*Magma*” (1982), a manifestação erótica é simplificada como uma libertação do corpo, a idiossincrasia obedece às forças da centralidade do mais íntimo à amplitude do universal. O eixo central da obra é compreender a liberdade, fora dos padrões sociais, em que as palavras ecoam com significado visível de naturalidade erótica e emoção sintetizada pelo próprio corpo.

Nesse contexto, “pela janela da poesia, à luz da visão feminina da poeta, pode-se presenciar o desenvolvimento do exercício erótico, livre do preconceito repressor e cúmplice



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
ORGANIZAÇÃO DE ENCONTROS DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Corralina

 **Universidade Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

no processo da libertação do corpo” (TOLEDO, 2009, p.66). De certa forma, a representação das palavras oferece toda a substância para a formação poética, o desejo que é traduzível em prazer, e todo o processo é interligado à Natureza mãe de todas as criações. Assim, “o eu poético constrói-se a partir do eu telúrico, do eu erótico e de tantas vozes que se harmonizam na composição uníssona e concomitantemente polissêmica da poeta” (TOLEDO, 2009, p.72), o que determina a tríade de sequência: universal, subjetiva e sensual.

No poema “Sensorial”, da obra “*Magma*” é perceptível vislumbrar a transparência do corpo na intimidade com a vitalidade da água.

Íntima da água eu sou
por força, mar, igarapé, rio, açude,
pela água meu amor incestuoso.
(SAVARY, 1998, p.167)

O elemento que rege os versos é conduzido pela presença da água que conduz aos princípios da formação da subjetividade - “eu sou” – visto que a integração é de maneira mútua e proporciona significativas sensações minuciosas destinadas pela força vital que a natureza oferece. A infinitude da totalidade do corpo do “mar”, que diante da relação é elencada a um caminho “igarapé”, “rio”, “açude”, é como se convivência aproximasse à convivência e através do encontro entre os corpos o amor se torna “incestuoso”. Sendo assim, o envolvimento dos corpos harmoniza com propriedade o que reitera a dinâmica erótica.

Em sintonia literária, a obra “*Linha d’água*” (1987), intensifica o erotismo com a natureza como fonte de vida e energia, entre as vertentes de Eros e Tánatos, mais uma vez a água é símbolo do natural - do corpo, do erótico, do orgasmo. Na obra o que é amável não é apenas o humano, sobretudo a própria contemplação de ver o mundo, como uma fonte estética sensual e persuasiva.

Com caráter puro e corporal, o poema “Do que se fala”, registrado em “*Linha d’água*” é delineado por traços que caracterizam a água em três pontos: água fonte de vida, água do corpo (orgasmo) e o centro de degenerescência.

Ao dizer mar
não é só de mar que estou falando.
Falo do falo; o mais, pretexto
quando é à água que me rendo
no mais alto ponto do orgasmo,
no auge mais auge que pude chegar eu pude
em honra da água – mas água do corpo –
quando é à água que se alude.
(SAVARY, 1987, p.18)

Em análise, é relevante pautar a repetição do termo “água” e os princípios básicos que determinam a construção lírica, erótica e corporal. Ocorre nos dois primeiros versos a determinação da água como aspecto da natureza, referente ao “mar”, não apenas como uma matéria, mas como um pretexto para chegar aquilo que o move e dá sentido. Em sequência, no quarto e quinto verso, a água a que faz referência é o ápice da formação erótica, a água dos corpos, do orgasmo, da elevação do prazer, em que acontece a entrega e o domínio de si.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Cora Coratini
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Para que assim, na construção dos versos, aconteça a totalidade da volúpia em que “no auge mais ague que pude chegar” à exterioridade se apropria do que é mais interno entre os corpos em “honra” a uma questão natural e não pessoal, até formar em si o entrelace do júbilo e a dimensão do corpo que se manifesta com o elemento simbólico vivificando a poética dos amantes.

Por outro lado, todas as características solidificadas pelo natural e o erotismo são compreendidas também pela essência do ser poeta. É relevante destacar que na obra “*Retratos*”, Olga identifica o poeta como uma figura significativa na construção do sentir as palavras e valorizar aquilo que realmente é proferido por literário “ser poeta é isso: traduzir em versos o intraduzível, o misterioso, o enigmático, o possível e o “impossível”” (2009, p. 96). De certa forma, é compreender as diversas sensações e ser seduzido pelas palavras. Como discorre Friedrich (1978): “a lírica é uma “defesa contra a vida habitual””, sua fantasia goza da liberdade “de misturar todas as imagens” (FRIEDRICH, 1978, p.28), ou seja, a magia precisa de algo real para ter como efeito o acompanhamento da palavra pela compreensão do próprio poeta.

No poema intitulado, “Gesta”, da obra *Retratos*, é válido reconhecer a estrutura de maneira curta, porém com uma significação mergulhada na vida e no poder da palavra.

Onde começa e acaba
estando em tudo e em nada
estar na origem: água.
(SAVARY, 1998, p.224)

A figura de linguagem persistente na construção do poema é definida pela antítese: “começa e acaba”, “tudo e nada”, diante das vertentes entre o começo e o fim, a incerteza, a insegurança e a própria inconstância das coisas, o que não pode ser esquecido, é a origem que marca a interioridade do eu que é “estar na origem da água”. A simbologia da água é uma forma de confirmação de que o tempo é efêmero, porém é sempre válido estar naquilo que é parte da construção marcada pela raiz, ou seja, o véis da própria dinâmica da existência que está ligada à liquidez do erotismo marcado pela significação de ideias.

A configuração dos corpos por meio da caça

*Quanto a mim,
pátria é o que eu chamo poesia
e todas as sensualidades: vida.
Olga Savary*

Conforme as transformações da vida são processuais, a escrita de Olga Savary também acompanha as etapas da sua personalidade, sem perder aquilo que mais fascina: a sua existência, como ser poeta. Sobre a obra “*Rudá*” (1994), confirma que a poesia deveria ser sempre erótica, “erotismo é vida. Estou falando do erotismo sutil, não explícito e grosseiro, pois aí cairia na pornografia. Essa é a meu ver desnecessária (...) Se leio um texto sem nenhum erotismo latente, perco atenção” (TOLEDO, 2009, p.111 e 112). Contudo, a personificação na lírica é como um processo de desejo do auto conhecer para revelar em si aquilo que precisa ser encontrado.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia Cora Coratim

 Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Registra-se de maneira legível o erotismo de maneira sábia e natural, na obra “*Repertório Selvagem*”. Tais percepções são notáveis, por meio da metáfora que é associada ao encontro primitivo e ao mesmo tempo animalesco, que se buscam como uma fonte incessante do prazer. Como salienta Octavio Paz (1994), na obra “A dupla chama: amor e erotismo”: “o erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético” (PAZ, 1994, p. 12), por isso a necessidade da linguagem e o mundo para formação poética.

Nessa formação cenário e protagonismo, o sujeito está inserido para ser a fonte de partida e sentido lírico. Para Olga, “homem e mulher são caça e caçador. Ambos os caçadores, uma vez que todos caçam” (TOLEDO, 2009, p. 145) e quando se encontram, ocorre o equilíbrio que sucede as delícias da vida. Ocorre que a essência do Eros são os extremos, como registra Paz “o erotismo é, em si mesmo, desejo – um disparo em direção a um mais além” (PAZ, 1994, p.19) a volúpia dos corpos identifica um único objetivo: o ímpeto.

Na representação do poema, “O dia da caça e do caçador” ocorre uma sequência poética, em constante ação entre corpos e desejos que se procuram.

Onde caça e caçador se entendem,
se estendem, se rendem,
se entregam, se integram,
arfando escorregam,
se interpenetram,
caça e caçador se caçam
se cansam, se abrasam,
maturando-se mergulham
e nos suores soçobram
e tomando, alados, se abrandam.
(SAVARY, 1998, p.327)

No entendimento mútuo entre “caça” e “caçador”, o que difere o humano do animal, enquanto caçadores é compreendido pela experiência do erotismo, como salienta Bataille (1987): “o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão” (BATAILLE, 1987, p.20), ou seja, a vida subjetiva do humano instiga o desejo da correspondência.

Ademais, existe no poema a compreensão que a “caça” possa ser entendida pelo amor, pela poesia, pelo desejo, enquanto o “caçador” é aquele que tem que sede pelo que procura, que está em movimento, que é instigado a procurar algo que o complete. Por isso, a necessidade de durante os versos do poema os verbos “estendem”, “rendem”, “entregam”, “integram”, “escorregam”, tudo numa intensidade em que os corpos são visíveis e a nudez se forma quando se “interpenetram”.

Mesmo diante da interpenetração, a volúpia do desejo recomeça, e os corpos se “caçam”, “cansam”, “abrasam”, “mergulham”, excitados pelo suor dos próprios corpos “soçobram”, “tomam”. Por fim, se “abrandam”, como se o ápice da procura tivesse chegado ao seu encontro, com uma sensação de leveza, de correspondência, de calma e toda a redenção carnal se torna palco de um leito amoroso abastecido pelo que almejava, em que apenas o silêncio é vítima de toda composição natural.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudia
Corá Corálima

 **Universidade Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O movimento na versificação do poema, é semelhante aos movimentos da paixão que Bataille (1987) pondera: “o ser, com frequência, parece dado ao homem fora dos movimentos da paixão. E eu direi mesmo que nunca devemos imaginá-lo fora desses movimentos” (BATAILLE, 1987, p. 10), assim a natureza humana corresponde às representações que a relação concretiza por meio dos movimentos da intimidade.

Concomitantemente, Olga une o erotismo ao amor carnal e o amor aos aspectos naturais da terra, em “*Berço esplêndido*” (2001). No dualismo e nos contrastes da complexidade, entre o ir e vir, a autora mostra o seu lado forte de ser mulher e ter a coragem de usar o corpo como matéria para a “ciência” a licença poética. Abastece sempre a ideologia que o natural oportuniza os escapes do labirinto da vida e que o mergulho no natural é uma busca do próprio eu. Sendo assim, Olga apresenta que “tudo na vida é caça. Caçamos o tempo todo. Ai de nós se não caçarmos. Seria puro tédio. Mulher e homem, são antes de tudo, caçadores”. (TOLEDO, 2009, p. 200) Logo, a procura seria um marco obscuro do erótico que é visível ao outro redefinido pelo prazer.

De modo análogo, a experiência amorosa, no poema “*Catêretê*”, tem como cerne a busca pelo outro que é exercida com a junção da escrita e a oportunidade de encontrar o próprio desejo por meio da comparação da naturalidade.

Cada dia uma conquista,
caça que me é amor,
sempre uma possibilidade,
nunca uma afirmação,

Poesia: fera absoluta,
escorregadia enguia,
água, bicho sem pelo
onde poder agarrar

e onde se tem a mão.
(SAVARY, 1987, p.34)

No poema, ocorre a disposição contrária das ideias apresentadas: “conquista” e “caça” comparada ao princípio de um jogo ambíguo de Eros e a formação da essência lírica, que ao ser construída é feroz e ao mesmo tempo “escorregadia”. Infere-se, que o jogo ambíguo faz parte da dissolução das formas constituídas que Bataille (1987) menciona: “a dissolução dessas formas de vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos” (BATAILLE, 1987, p.14), esta relação é vista no poema como parte da conquista social e humana.

Metaforicamente a poesia é transparente, vivida como água, e nos agarra, como um “bicho sem pelo”, é por isso que a natureza se torna por excelência um escudo que sempre remete à ambiguidade para o encontro da palavra na completude do erotismo. Quando se interligam “caça”, “amor”, “poesia”, observa-se que há uma diversificação da estrutura poética, em que “e onde se tem a mão”, precisa-se de um espaço para formação de encontro para assim valer a pena o processo da caça e do mistério das palavras.



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Dessa maneira, é possível compreender uma imensidão de ideais em que ressalta palavra, natureza, paixão, erotismo e sensibilidade. Entretanto, no próprio ofício do ser poeta, revela particularidades que harmoniza o amor, o idealismo dos sonhos, o tratamento ao tempo e a totalidade das palavras. Na correspondência com o sentido da natureza como matéria exterior, dignifica natureza humana exaltando o corpo erótico, em busca do naufrágio da beleza entre Éros e o eu telúrico.

Considerações finais

Diante do véis literário poético, a constituição do estilo de Olga Savary é oriunda por uma paixão nítida pelo prazer de viver, pela voz que eclode em si uma percepção clara de um mundo transformado pelas visões naturais em que o exterior reflete na interioridade humana como fonte inesgotável do prazer. À medida que sonha, a realização é pautada numa simplicidade e ao mesmo tempo numa sofisticação do palavrear. A singeleza de notar os elementos simbólicos naturais e compará-los à natureza humana, envolve o erotismo como parte de continuidade e processo de autoconhecimento pessoal.

Sendo assim, só se pode vivenciar a essência poética tendo como referência a sua concretude com o próprio entendimento. De tal modo como o erotismo é defendido por Bataille: “é uma experiência que não podemos apreciar de fora como uma coisa” (BATAILLE, 1987, p.98), visto que para Octavio Paz “o erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens” (PAZ, 1994, p.16), unindo a prática, o prazer humano aos aspectos naturais o sentido da linguagem lírica tem validade de sentido poético.

Portanto, a sensualidade da voz feminina, nos poemas de Olga Savary conduz a diferentes características, designadas pela busca do viver, do prazer, do erotismo sutil, da linguagem formada pelo que é experimentado e desejado. Na medida certa no dizer, no contemplar, no silenciar, fez da poesia, um grande memorial de compreender o sentido da vida.

Referências

ARRIGUCCI Júnior, Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuela Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1943.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX; tradução do texto por Marise M. Curioni: tradução das poesias por Dora F. da silva. São Paulo: Duas cidades, 1978.

PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. Tradução de Wladir Dupont. 2. Ed. São Paulo: Siciliano, 1994.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

SAVARY, Olga. **Espelho provisório**. Rio de Janeiro: Olympio, 1970.

_____. **Linha d'Água**. São Paulo: Massao Ohno/ Hipocampo, 1987.

_____. **Repertório selvagem**: obra reunida – 12 livros de poesia (1947 – 1998). Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional/Multimais/Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. **Olga Savary**: erotismo e paixão. Colaboradores Heliane Aparecida Monti Mathias e Márcio José Pereira de Carmago. Cotia, SP: Atleê Editorial, 2009.